

## A Bela de Datena, a Bela de Buñuel, e seus Símbolos

### Resumo

O estudo da relação entre o filme *Bela da Tarde* e da matéria intitulada *A Bela do Crime* do noticiário policial *Brasil Urgente*, vai mostrar os pontos de encontro entre filme e reportagem de acordo com teorias arquetípicas do herói e da *anima*.

**Palavras-chave:** Arquétipos. Filme. Reportagem.

### Abstract

The study of the relationship between the movie *La Belle De Jour* and the report entitled *A Bela do Crime*, from the police newspaper *Brasil Urgente*. According archetypal theories of hero and anima will highlight several common points between them.

**Keywords:** Archetypes. Film. Report.

Em maio de 2011, na cidade de Niterói – Rio de Janeiro, uma mulher matou um homem. O fato foi noticiado em várias emissoras e, como o crime não ficou esclarecido, durante vários dias o ocorrido ocupou espaço na mídia. Por ser um programa de jornalismo policial, o *Brasil Urgente*, da Rede Bandeirantes (Band), deu destaque ao fato. O programa nomeou o caso de *A Bela do Crime*<sup>1</sup> fazendo uma referência ao filme francês *Bela da Tarde (Belle de Jour)*, do diretor Luiz Buñuel, lançado em 1967.

*A Bela do Crime*, da Band, é uma mulher de 18 anos, olhos azuis, loira, pele alva levemente rosada, que se chama Verônica Verone. Essa mulher matou o empresário Fábio Gabriel Rodrigues, 33 anos, casado, pai de dois filhos. Fábio e Verônica eram amantes. O crime aconteceu em um quarto de motel durante um de seus encontros secretos.

Já a Bela de Buñuel não matou ninguém, mas foi responsável indiretamente pelo tiro que atingiu Pierre (interpretado por Jean Sorel), seu marido. Mas, assim como Verônica, Séverine também é jovem, loira, pele alva e tinha uma conduta sexual fora dos padrões morais.

As páginas desse trabalho pretendem mostrar as tendências inconscientes que aproximam a *Bela da Tarde* e *A Bela do Crime*. Veremos que as duas narrativas

---

<sup>1</sup> Reportagem exibida no programa *Brasil Urgente* em maio de 2011.

pertencem a mesma base mitológica e que suas protagonistas se escondem por trás do arquétipo da *anima*<sup>2</sup>.

A *Bela da Tarde* se passa na Paris de 1967. Séverine (Catherine Deneuve) e Pierre (Jean Sorel) formam um jovem e belo casal burguês. Ele é um médico bem sucedido e apaixonado por sua esposa. Ela, uma mulher de gestos requintados, diz amar o marido, apesar de não demonstrar entusiasmo com ele. O casal é amigo de Husson (Michel Piccoli), um homem rude para Séverine por suas investidas a ela, porém querido por Pierre.

Séverine e sua amiga, Renée (Macha Méril), estão em um táxi quando comentam sobre Henriette (não creditada), uma mulher do mesmo nível social das duas que havia se prostituído e estava trabalhando em um bordel. Séverine se interessa e quer saber mais sobre os bordeis de Paris. Ao chegar em casa ela parece nervosa e um pouco atordoada.

Devaneios são frequentes na vida de Séverine. Nesses sonhos ela demonstra aspectos instintivos da sua personalidade sexual. É submissa aos homens, açoitada por eles, transa com empregados e sente prazer em tudo isso.

Ao encontrar Henriette por acaso no clube de tênis, Séverine em seguida se depara com Husson. Em uma breve conversa eles falam sobre bordeis de Paris e Husson diz a Séverine o endereço de Madame Anaïs, um bordel que ele frequentava.

Séverine então vai ao endereço indicado por Husson, mas não tem coragem de entrar. Mais tarde ela faz outra tentativa e, dessa vez, bate à porta. Madame Anaïs recebe Séverine e, percebendo seu nervosismo, tenta tranquilizá-la.

Séverine passará as tardes deitando com os clientes no bordel e irá se chamar: *Belle de Jour* (Bela da Tarde), nome sugerido por Madame Anaïs.

Seu primeiro cliente é o Sr. Adolphe (Francis Blanche), com o qual ela ainda se sente pouco à vontade. Ao chegar em casa depois de sua primeira tarde no bordel, Séverine queima suas roupas e finge estar doente para não ter que sair com Pierre como combinado mais cedo. Como bom marido que é, ele também decide ficar em casa para cuidar da esposa.

Uma semana depois, a *Bela da Tarde* volta à casa de Madame Anaïs, mas essa já não a quer mais, por seu sumiço de tanto tempo. Séverine insiste em ficar e promete que nunca mais repetirá o que fez.

---

<sup>2</sup> O conceito de *Anima* será esclarecido adiante.

A partir daí, Séverine atende a uma série de homens, se sentindo cada vez mais à vontade com eles e com sua nova vida no bordel. Um deles quer que ela represente uma duquesa onde ele é o servo. O outro é um japonês viajante, que carrega consigo uma caixa com abelhas. Um terceiro quer que ela finja ser a filha morta durante o funeral enquanto se masturba em baixo do caixão.

Porém, o mais constante de todos os amantes é Marcel (Pierre Clémenti), um *gangster* que começou a nutrir por ela um perigoso sentimento possessivo. Marcel exige ver sua amada não só pela tarde, mas à noite também. Ele está apaixonado e obcecado por ela.

Apesar da sua infidelidade, e por causa disso, Séverine se sente mais próxima a Pierre e ele também a acha mais sorridente. O casal agora parece estar se relacionando melhor e Pierre está feliz em sentir a esposa plena ao lado dele. Até que em uma dessas tardes Husson vai à casa de Anais e escolhe a *Bela da Tarde* para se deitar. Os dois discutem e ela o responsabiliza por estar ali, uma vez que foi Husson quem a deu o endereço do lugar. Ele se nega a deitar com Séverine porque para ele, a moça perdeu o que mais o atraía: sua virtude e sai de lá, a pedido de Séverine, prometendo não contar nada a Pierre.

Com a visita de Husson, a Bela da Tarde decide não trabalhar mais na casa de Madame Anaïs. Ao deixar o prédio pela última vez, Séverine é seguida por Hyppolite (Francisco Rabal), amigo de Marcel.

Marcel vai à casa de Séverine e ameaça contar sua traição a Pierre caso, ela não volte ao bordel. Em seguida, espera Pierre na porta do prédio e o atinge com tiros. Na fuga Marcel é morto pela polícia.

Pierre agora está em uma cadeira de rodas, completamente dependente de Séverine. Sensibilizado com a situação do amigo, Husson decide contar tudo que sabe sobre Séverine, para que ele não fique se sentindo culpado por estar dependente da esposa. Em um último devaneio de Séverine, Pierre se levanta da cadeira de rodas, vai até à janela e abraça Séverine. Os dois estão felizes.

O outro caso investigado nesse trabalho foi noticiado no programa *Brasil Urgente* da Rede Bandeirantes - um programa jornalístico policial bastante popular no país se mantém constantemente em segundo lugar na audiência, perdendo apenas para a Rede Globo. O programa estreou em dezembro de 2001. Foi apresentado por Roberto Cabrini até 2003. Entre 2003 e junho de 2011 foi comandado por José Luiz Datena. Por

um breve período Luciano Faccioli assumiu o programa, e logo foi substituído por Datena que voltou devido aos baixos índices de audiência.

A *Bela do Crime* é uma história misteriosa que envolve a morte do jovem empresário Fábio Gabriel Barbosa (33). Sua assassina é Verônica Verone (18), que confessou ter enforcado seu amante em um quarto de motel na cidade de Niterói, região metropolitana do Rio de Janeiro. Mas o laudo pericial contraria a versão da acusada, já que não foram encontrados sinais de estrangulamento no corpo da vítima. Tanto para a polícia quanto para a família da vítima, a jovem ainda esconde algo.

O relacionamento entre Verônica e Fábio começou em 2010, na época o empresário ainda era casado. Verônica ligou várias vezes para a esposa de Fábio revelando o caso entre os dois. O casamento entrou em crise, mas meses depois o casal se reconciliou e Verônica então passou a fazer ameaças à família de Fábio, dizendo que se ele não fosse dela, não seria de mais ninguém.

Verônica morava em uma confortável casa de três andares no município de Maricá, há 40 km do centro do Rio. A casa estava fechada e parece abandonada. A mãe de Verônica tinha uma personalidade muito reservada e os vizinhos pouco a conheciam. Mas Verônica era uma pessoa comum, cumprimentava a todos e nunca se envolveu em nada suspeito. Por isso a notícia do crime assustou a todos na região.

A infância de Verônica foi comum. Mas a vida confortável que ela tinha começou a mudar ano passado com a morte do pai, que era advogado e sustentava o alto padrão da família. No entanto, a falta de dinheiro e os problemas aumentaram depois da morte da avó dias antes do crime, o que teria prejudicado ainda mais o estado emocional já abalado de Verônica.

Durante a adolescência Verônica fez uso de medicamentos controlados e não tinha bom relacionamento com os pais. A menina usava drogas e acredita-se que ela viu em Fábio a figura paterna perdida.

As desgraças que vinham acontecendo em sua vida levou Verônica a se drogar para fugir da realidade de tristeza em que ela se encontrava. Quando cometeu o homicídio é provável que Verônica estivesse sob efeito de drogas.

### **Os Personagens**

Foi através dos sonhos relatados por seus pacientes que o psicólogo suíço Carl Gustav Jung percebeu a forte ligação entre o inconsciente e os mitos antigos da humanidade. Ele observou a presença dos arquétipos do herói, do vilão, do sábio, entre

outros, tanto no inconsciente das pessoas bem como em fábulas, contos e mitos milenares.

No entanto, não são somente em sonhos que os símbolos e os arquétipos se manifestam. Joseph Campbell observou a estreita relação entre os arquétipos e os elementos que se repetem em todas as culturas. “*Freud, Jung e seus seguidores demonstraram irrefutavelmente que a lógica, os heróis e os feitos do mito mantiveram-se vivos até a época moderna*” (CAMPBELL, 1949; p.6).

Entre os arquétipos descritos por Jung, o que ele chamou de *anima* e os franceses de *femme fatale* é o arquétipo de nossas personagens centrais. Tanto Séverine quanto Verônica se escondem atrás de uma aparência acolhedora e amorosa, mas acabam por se mostrarem fatal àqueles que se deixam seduzir por elas. A primeira, deixando o marido em uma cadeira de rodas depois de ser atingido pelo amante que em seguida é morto pela polícia, e a segunda matando o próprio amante.

Outras funções dramáticas dos arquétipos das duas histórias tem muito em comum. “Todas as histórias consistem em alguns elementos estruturais comuns, encontrados universalmente em mitos, contos de fadas, sonhos e filmes”. (VOGLER, 1949; p. 32).

Os arquétipos que aparecem frequentemente nas histórias, seja no cinema, literatura, teatro, tem como base o inconsciente. Jung encontrou alguns padrões de arquétipos nos sonhos de seus pacientes e percebeu que eles tinham bases mitológicas mesmo em pessoas muito jovens a quais não haveria ainda uma educação religiosa que justificasse a presença de tais símbolos em seus inconscientes.

A ideia de Cristo como redentor, por exemplo, vem de um mito pré-cristão do herói e salvador que surge sempre vencendo forças malignas mesmo quando já não há mais esperança. De onde e quando esse mito surgiu ninguém sabe, mas ele acompanha o homem de geração em geração. Para Jung a única certeza que se tem é que “*sua origem vem do período em que o homem não sabia que possuía o mito do herói: numa época em que nem mesmo refletia sobre isso. A figura do herói é um arquétipo que existe há tempos imemoriais.*” (JUNG, 2008. P.68).

## **O Herói**

É bem verdade que os protagonistas das histórias estudadas aqui não têm características heroicas mitológicas de um salvador. Vogler em *A Jornada do Escritor* define o herói como “*alguém que está disposto a sacrificar suas próprias necessidades*

*em benefício dos outros. Como um pastor que aceita se sacrificar para servir ao seu rebanho.*” (VOGLER, Christopher, 1949; p. 64.).

Em *Bela da Tarde*, vemos a história pela ótica de Séverine e em *a Bela do Crime* pela ótica de Verônica. Esse é o propósito dramático do herói, ser a janela da história. São suas personalidades, qualidades, defeitos e virtudes que nos guiam durante a história. Com exceção da sua característica altruísta, Verônica e Séverine se enquadram nas funções dramáticas do arquétipo de herói.

O herói deve ter características que o público se identifique e deseje possuir, eles devem ter algo de humanidade para que o público possa com eles seguir na história. Séverine e Verônica foram construídas por seus diretores como mulheres muito atraentes, capazes de arrancar olhares e desejos de qualquer homem. Essas são características admiráveis que o público gosta de ver, mas os heróis ainda podem ter defeitos que atraem o espectador:

*“Defeitos interessantes humanizam um personagem. Podemos reconhecer pedaços de nós mesmos num herói desafiado a ultrapassar dúvidas internas, erros de pensamentos, culpa ou trauma no passado, ou medo do futuro. Fraquezas, imperfeições, cacoetes e vícios imediatamente tornam o um herói ou qualquer personagem mais real e atraente. Parece que quanto mais os personagens forem neuróticos, mais as plateias gostam.”* (Ibidem, p.66).

Equívocos de pensamentos e neuroses acompanham as nossas personagens. Verônica, mesmo sendo a personagem central de *a Bela do Crime*, aquela com a qual o público se identifica, cometeu um crime e isso revela algo de distorcido em sua cognição. Séverine também tem pensamentos desvirtuados, se entrega a perversão sexual e constantemente tem devaneios eróticos e perversos. Tanto a personalidade assassina de Verônica, quanto as atitudes sexuais de Séverine são defeitos dos personagens que ajuda na identificação da plateia com eles.

Dentro dos vários tipos de herói que Vogler classificou o anti-herói, que ao contrário do que o nome sugere não é o oposto de herói e sim um tipo específico dele, é onde enquadramos nossas protagonistas. O anti-herói é um sujeito que poderia ser um vilão do ponto de vista da humanidade, mas nos solidarizamos e identificamos com ele. Em *a Bela da Tarde*, ficamos apreensivos com a possibilidade de Husson contar a Pierre sobre seu trabalho na casa da Madame Anais, em *a Bela do Crime* ao invés de revolta

sentimos compaixão pelo crime que Verônica cometeu e nos perguntamos o porquê da sua atitude.

Uma das funções dramáticas do herói (lembrando que em nosso caso nossas protagonistas estão sendo chamadas de heroínas pelo ponto de vista dramático e não simbólico) é crescer na história. Verônica saiu de um mundo infantil e se tornou mais madura. Sua aparência traz um aspecto de pureza infantil que sofreu uma ruptura quando ela se envolveu com um homem casado, e ruptura ainda maior quando o matou. Séverine cresce na história quando deixa de ser a mulher de Pierre e passa a ser a amante de vários homens. No começo do filme vemos uma Séverine que usa cabelos presos, ri pouco e fala baixo, no fim, Séverine solta o cabelo, fuma, fala com mais segurança e tem um olhar tarado. O público acompanha sua mudança durante a trama sem perceber que ela está acontecendo.

O herói também deve ser o mais ativo na trama. Ele deve ser dono do seu próprio nariz e não ser passivo. O herói deve fazer acontecer. Verônica se envolveu com um homem casado, cometeu um crime, assumiu a culpa, entregou-se a polícia e ainda disse como cometeu o crime. Séverine foi a um bordel, virou prostituta, teve vários amantes e parou quando quis. Nenhum dos outros personagens das duas histórias conseguem ser mais ativos que Séverine e Verônica.

Analisando histórias, Christopher Vogler definiu dois tipos de heróis:

- 1 – Decididos, ativos, loucos por aventuras, que não tem dúvidas, do tipo sempre-em-frente, auto motivados;
- 2 – Os pouco dispostos, cheio de dúvidas e hesitações, passivos, que precisam ser motivados ou empurrados por forças externas para se lançarem numa aventura.

A *Bela do Crime* se enquadra no primeiro tipo de herói. Verônica não hesitou em matar Fábio, confessou o crime, assumiu a culpa e mostrou como matou.. Já Séverine se enquadra no tipo dois. Sua decisão de ir à casa de Madame Anais foi motivada por Husson. E mesmo com um desejo de submissão sobre vários outros homens, Séverine ficou em dúvida, hesitou por diversas vezes, e precisou da ajuda para seguir em frente. Embora um herói passivo, como já foi dito antes, possa comprometer o envolvimento do público com ele, Séverine se tornou um personagem ativo depois que lhe foi dada a motivação necessária.

## **Femme Fatale**

Séverine e Verônica se enquadram no arquétipo de *anima*, que quando má e no cinema é chamada de *Femme Fatale*. Muitas histórias têm essa mulher, bonita, misteriosa, que fala pouco, extremamente sedutora como aquela mulher que desestabiliza o herói, como Sheron Stone em *Instintos Selvagem* ou Kathleen Turner em *Corpos Ardentes*. Mas nas nossas histórias elas são os “heróis” e *anima* ao mesmo tempo. A protagonista de *A Bela do Crime* foi criada com arquétipo da *anima* como base para a construção do personagem. O repórter faz de Verônica uma mulher misteriosa. Verônica durante a reportagem do *Brasil Urgente*, não aparece tão fatal assim. Ela está com os cabelos preso em um rabo de cavalo, com roupas pouco sensuais, enquanto masca um chiclete. Confrontando essa imagem infantil, uma foto de Verônica onde ela está maquiada com cabelos soltos e muito mais atraente que a “menina” da reportagem, aparece cinco vezes durante a matéria.

Jung chamou de *anima* a personificação de todas as tendências psicológica femininas no homem. Esse arquétipo costuma aparecer no inconsciente do homem através dos sonhos, filmes, teatro, contos, mitos. Ela pode ser boa ou má. O conto siberiano mostra bem o lado maléfico da *anima*:

“Um dia um caçador solitário viu uma linda mulher surgir da densa floresta, do outro lado do rio. Ela acena para ele e canta: “Oh, vem solitário caçador no silêncio do crepúsculo, Vem, vem! Sinto tua falta, sinto tua falta! Agora, vou te abraçar, abraçar! Vem, vem! Meu ninho está próximo, meu ninho está próximo. Vem caçador solitário, vem agora no silêncio do crepúsculo” O caçador se despe e atravessa o rio a nado, mas de repente a mulher se transforma numa coruja e foge, rindo-se e caçoando dele. Ao nadar de volta para buscar suas roupas, ele se afoga no rio gelado.

Esse conto mostra a *anima* um sonho de amor, felicidade, aconchego e calor materno, que afasta o homem da realidade. O caçador se afogou porque foi atrás de um desejo que não podia se realizar.

Outra manifestação negativa da *anima* está presente em muitas lendas pelo mundo a fora, em que uma donzela venenosa, sempre uma bela criatura, trás venenos ou armas escondidas em seu corpo as utilizando para matar seus amantes na primeira noite de amor. A *anima* pode ainda se esconder atrás de um jogo intelectual, em algumas histórias a *anima* convida o homem a participar de um jogo onde ele morre, ou perde, se não acertar o enigma. Essas histórias têm seus diálogos intelectualizados e a *anima* sempre vence. O caráter destrutivo da *anima* se esconde de trás de sua aparência. Seu aspecto de fada atrai subitamente o homem o fazendo sentir como se conhecesse aquela mulher a vida inteira.



## **Ação Dramática**

Para Aristóteles, a tragédia é a imitação das ações humanas. Não a imitação de qualquer ação, mas a imitação de ações que juntas formam uma unidade completa<sup>3</sup>. Essas ações são denominadas ações dramáticas.

Na vida real as pessoas fazem de tudo: estudam, tomam banho, se vestem, trabalham, conversam, dormem, comem e outras coisas comum ao cotidiano. Porém a ação dramática só vai acontecer quando o personagem “A” que estava na posição 1 passou para a posição 2. Ou seja, quando tal ação colocou a história para frente. Esse deslocamento pode se dar através de uma ação física, diálogo, pensamento.

Através do teatro, cinema e televisão as pessoas veem a ação dramática representada. Essa ação, no entanto não se dá de forma pacífica e sim a partir de um conjunto de circunstâncias, posições e caracteres que caminham até o desenlace final. A finalidade de uma ação dramática, segundo Hegel, só é dramática se produzir outros interesses e paixões opostas.

*“[...] uma ação, desencadeada por uma vontade que tem em mira um determinado objetivo, colide com: a) interesses, b) paixões; portanto, vontades opostas. Esta colisão é o conflito. E desta colisão algo nascerá. Os interesses e paixões podem ser de várias espécies (ideias e verdades morais ou religiosas, princípios de direito, do amor à pátria ou a outrem, sentimentos de família etc.), mas sempre construirão o nascedouro de uma outra verdade, que se oporá, brotando daí o conflito.” (PALLOTTINI, 1988; p.11)*

O conflito tem uma natureza dinâmica, que nasce, intensifica-se, encontra-se com outro conflito, tem seu ponto máximo e se precipita até o desenlace. Em geral, eles nascem da vontade consciente do personagem que persegue seus objetivos. Para ser drama é preciso que o personagem aja e não se deixe levar por acontecimentos que sucedem a sua vontade. No drama, a vontade do personagem deve conduzir a ação. Essa é a diferença entre as protagonistas da *Bela da Tarde* e *Bela do Crime*. Vamos relembrar a história de Verônica:

A adolescente Verônica Verone vivia em uma confortável casa na região metropolitana do Rio de Janeiro. A menina era uma adolescente normal até que a morte do pai abalou a situação financeira da família. Em seguida a morte da avó veio afetar ainda mais o estado emocional já fragilizado da garota. A menina então passou a se

---

<sup>3</sup> Conceito encontrado nos escritos de Aristóteles de Arte Poética.

drogar para fugir da realidade e em um estado de consciência alterado assassinou o amante.

Percebe-se que importantes acontecimentos na história da *Bela do Crime* acontecem independentes da sua vontade. Até mesmo o assassinato de Fábio ocorre devido às circunstâncias e não de acordo com a vontade de Verônica e sim decorrente uma sucessão de acontecimentos que levaram ao crime cometido. Verônica passou de uma adolescente comum a uma ré confessa na morte do amante.

Já a história de Séverine caminha de acordo com os seus desejos mais íntimos. Ela é impulsionada por alguns personagens, mas eles apenas aceleraram a decisão de Séverine se entregar a outros homens, ela o faria mesmo sem eles. Foi por sua vontade consciente que ela procurou a casa de Anais, e também por decisão sua que de lá saiu.

### **Estrutura**

O filme começa mostrando o cotidiano da protagonista, ou seja, sua zona de conforto. Séverine vive um casamento há um ano com um médico bonito e bem sucedido. Porém, apesar de formarem um belo casal, Séverine não se sente plena ao lado de Pierre e tem devaneios eróticos com outros homens. Em uma conversa com uma amiga, Séverine fica sabendo que ainda existem bordeis em Paris e o assunto mexe com ela. Temos aí o primeiro movimento da história.

Apesar de uma personagem agir e outra ser fruto das circunstâncias, ambas as histórias expõem conflitos que despertam curiosidade. Queremos saber se Séverine vai se prostituir; o que levou Verônica a matar Fábio; se Pierre vai descobrir a traição da mulher, ou seja, uma cadeia de conflitos crescentes que vão despertar o interesse. Não é do interesse humano ver o cotidiano exposto sem ações dramáticas acontecendo.

Expor o cotidiano do personagem geralmente acontece no começo das histórias. Esse primeiro momento vai mostrar a rotina do personagem que logo sairá da zona de conforto e por meio de uma sucessão de conflitos chegará ao desenlace final. De modo que o que não tenha relação com a ação seja deixado de lado, nada deve mostra-se ocioso e supérfluo.

Com 1h16'' de filme, Pierre, ao passar por uma rua, fica intrigado com uma cadeira de rodas que estava esquecida na calçada. Algumas cenas depois Pierre leva um tiro e fica impossibilitado em uma cadeira de rodas. Em outra cena, ainda no primeiro ato do filme, Séverine conversa com uma amiga em um táxi. As duas falam sobre Henriette. O taxista pede licença e se envolve na conversa das amigas dizendo que ainda

existem bordéis em Paris. Assim como a cadeira de rodas de Pierre, o bordel de Séverine veio aparecer no filme logo em seguida e se transformar no principal ambiente dramático da história.

No telejornalismo, em especial de estilo sensacionalista, no qual se enquadra a história de Verônica, vemos a presença de elementos decorativos. A movimentação rotineira em frente ao motel onde houve o assassinato caracteriza o local. O mesmo acontece ao mostrar o bairro onde Verônica morava e os vizinhos com os quais ela convivia. Essas pessoas em nada interferem na ação, porém, caracterizam os ambientes e dão movimento à cena. Isso conclui que nem objetos nem pessoas são inúteis em um drama, seja ele da vida real ou ficcional.

## **A Jornada do Herói**

Mesmo com todas as variedades de histórias, a história do protagonista é sempre uma jornada. Séverine e Verônica saíram do seu ambiente comum para se aventurarem em um mundo desconhecido. Uma saiu dele por conta própria e outra foi arrancada.

Cristopher Vogler descreveu cada estágio que o herói enfrenta durante sua jornada. Assim como os arquétipos vistos no capítulo anterior, Vogler também detalhou cada estágio vivenciado pelos protagonistas dos filmes. São eles:

### **1 Mundo Comum**

Como toda jornada vai levar o herói para um novo mundo é preciso mostrar primeiro seu mundo comum para criar contraste e estranhamento com o mundo novo que ele irá se aventurar.

O começo de *Bela da Tarde* mostra o cotidiano de Séverine, sua boa vida com Pierre, seus devaneios, sua rotina e suas relações. O mundo comum da *Bela do Crime* só é mostrado na segunda reportagem do caso porque a história começa com um assassinato (clímax).

### **2 Chamado à Aventura**

Em seguida um problema se apresenta ao herói. Ele é confrontado por esse problema e não pode mais permanecer no mundo atual. É aí que se estabelece o objetivo da história.

A morte do pai e da avó de Verônica a desestabiliza representando a perda do conforto familiar. Já para Séverine o chamado a aventura se deu em vários estágios da trama, o principal deles é feito por Husson que a diz o endereço de Madame Anais.

### **3 Recusa do Chamado**

Com medo do desconhecido o herói ainda tem dúvidas se deve aceitar o desafio. Ele pode estar pensando em recusar e precisa de mais um empurrãozinho. Uma conversa com o mentor pode ser o encorajamento que o herói precisava.

Por não haver mais o pai e a avó por perto Verônica sabe que agora sua vida será diferente e que ela deve entrar no mundo adulto.

Séverine vai à casa de Madame Anais mas não entra, ela ainda está em dúvida. Há uma força que a faz querer o mundo comum e ter medo do desconhecido. Ela hesita diversas vezes antes de tocar a porta de Anais.

### **4 Encontro com o Mentor**

Nesse ponto já existem nas histórias aqueles que vão empurrar os heróis para frente. Estabelece-se aqui, uma relação entre mestre e discípulo. O mentor vai orientar o herói diante do desconhecido podendo seguir com ela até parte da aventura.

Madame Anaïs instrui a protagonista a lidar com a vida no bordel. É sua mentora que a faz ficar e lhe impulsiona definitivamente para se jogar na cama com outro homem.

Não temos a figura do mentor da *Bela do Crime*.

### **5 Travessia do Primeiro Limiar**

Finalmente o herói dominou seu medo e aceitou o desafio. Aqui ele se joga de cabeça na aventura e entra de vez no mundo desconhecido disposto a arcar com as consequências que sua jornada o irá trazer. É um caminho sem volta, depois desse ponto o herói não pode desistir. A história finalmente começa.

Ao se deitar com seu primeiro amante, Verônica atravessa o primeiro limiar da *Bela da Tarde*. Antes de chegar aqui ela já recebeu todos os ensinamentos da mentora. Até então havia hesitado, mas enfim Séverine está segura e preparada para começar a sua jornada.

Verônica começa a usar drogas e se envolve com um homem casado (Fábio).

## **6 Testes, Aliados, Inimigos**

Durante a sua jornada o herói vai encontrar novos desafios e começar a entender como funciona o novo mundo em que está. Nele, ele irá passar por provações, fazer amigos e inimigos. Além de aprender as regras que deve seguir, de agora em diante será constantemente testado. Esse é um estágio de grande desenvolvimento do personagem.

Séverine passa por provações a cada homem que a escolhe para deitar. Um deles a quer como uma duquesa enquanto ele é o servo. Ela tem dificuldades em lidar com esse homem, mas aprende observando por um buraco na parede enquanto uma colega se deita com ele. Outro a faz se tornar a filha morta em seu velório. Ficamos tensos ao observar como Séverine reage a essas provações.

Não vemos esse e os estágios seguintes na história de Verônica. Se tratando de um crime passional Verônica o assassinato acontece por impulso e a vítima não representava perigo à Verônica.

## **7 Aproximação da Caverna Oculta**

O herói se aproxima de um lugar perigoso. Esse é o ponto mais ameaçador de sua busca. *Na mitologia, a Caverna Oculta pode representar a terra dos mortos. O herói pode ter que descer aos infernos para salvar a amada (Orfeu) ou a uma caverna para enfrentar um dragão e ganhar um tesouro (Sigurd, nos mitos noruegueses), ou a um labirinto para se defrontar com um monstro (Teseu e o Minotauro).* (VOGLER, op. cit. P. 51)

A visita de Husson à casa de Anais representa o mostro que Séverine terá que enfrentar. É o momento em que ela é descoberta e o medo que logo Pierre saiba a angustia. Mas Séverine consegue que Husson prometa não contar nada a Pierre, aliviando um ponto de tensão da história.

## **8 Provação**

Aqui o herói enfrenta a morte e cai em confronto direto com o maior de seus medos. Não saberemos se o herói sairá vivo ou morto. É um momento de grande tensão na história.

Na nossa história esse momento acontece quando Marcel vai à casa de Séverine contar a Pierre sobre sua mulher. Mas nossa heroína consegue o fazer desistir. Nesse momento há um alívio por parte do público e parece que Séverine conseguiu vencer o

inimigo. Mas em poucos minutos Pierre leva tiros de Marcel o deixando impossibilitado em uma cadeira de rodas.

### **9 Recompensa (Apanhando a Espada)**

O herói deve agora celebrar após vencer todas as provações. Esse é o ponto em que o herói comemora a sua vitória encontrando o que procurava. Porém, nossa protagonista não venceu sua provação, a recompensa de Séverine é na verdade um castigo. Ela está condenada a cuidar de Pierre pela culpa que carrega pelo tempo em que ficou na casa de Madame Anais e está ciente disso. Sabe que Pierre está em uma cadeira de rodas, cego e sem falar por sua culpa, já que foi ela que colocou Marcel no caminho do marido.

Verônica venceu sua provação matando o amante. Mas assim como Séverine ela também é castigada por seus atos sendo presa e julgada por seu crime.

### **10 Caminho de Volta**

Esse estágio é a decisão do herói em voltar ao mundo comum. Aqui ele começa a lidar com as consequências da sua aventura e compreende que há perigos no caminho de volta. Ao deixar o mundo especial o herói ainda é perseguido pelas forças que perturbou no mundo especial.

Contrariado a jornada clássica proposta, Séverine decidiu sair da casa de Anais após o estágio sete. Sua decisão o levou a ser perseguida por Marcel representando a força vingadora do mundo que está deixando para trás.

### **11 Ressurreição**

Nesse estágio há uma *última provação antes de voltar ao mundo comum. É uma espécie de exame final do herói, que deve ser posto à prova, ainda uma vez, para ver se realmente aprendeu as lições da Provação* (Ibidem, p.55).

Em *Bela da Tarde* acontece quando Hunson vai a casa de Séverine contar tudo que sabe a Pierre. Dessa vez ela não o consegue o fazer desistir.

### **12 Retorno com o Elixir**

O elixir é uma poção mágica com o poder de curar. A sua jornada não teria sentido se o herói não trouxesse de volta ao mundo comum um Elixir. Que pode ser uma cura, um conhecimento, sabedoria, amor, etc. Para Séverine o Elixir foi realizar

seus instintos caracterizado por seus devaneios e após ter vivido sua aventura se sentir plena ao lado do marido.

O perfil cinematográfico da reportagem do Brasil Urgente juntamente com a similaridade entre os nomes da matéria, *A Bela do Crime* e do filme *Bela da Tarde*, fez com que o objetivo desse trabalho fosse buscar as semelhanças entre os produtos e o que fez o cinema o jornalismo terem uma estrutura narrativa que caminha em paralelo.

Nesse trabalho concluímos que em parte, o jornalismo consegue reproduzir os símbolos transmitidos por mitos e mais recentemente presente em filmes, mas não porque isso seja da intenção de quem o faz, e sim porque o nosso inconsciente conserva uma memória arcaica, que mantém arquétipos milenares preservados e agora aprisionados nos meios de comunicação.

Autor (a): Mayra Costa Pires

Graduada pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARTHES, Roland. **Saindo do Cinema *in*: Psicanálise e Cinema**. São Paulo: Global Editora, 1980.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo: Ática, 5º Ed., 1985.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Pensamento, 11ª Ed., 1995.

HEGEL, Friedrich. **Curso de Estética – Volume I**. São Paulo: Edusp, 2ª Ed., 2001.

JUNG, Carl. **O Homem e Seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª Ed., 2008.

PALLOTTINI, Renata. **Introdução a Dramaturgia**. São Paulo: Ática, 1ª Ed., 1988.

VOGLER, Christopher. **A Jornada do Herói**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª Ed., 1998.